

BRINCAR E CONTAR HISTÓRIAS NA CASA DOS CATA-VENTOS

Coordenador: ANA MARIA GAGEIRO

Autor: BRUNNA DIEHL DUTRA DA SILVA

Introdução: Este projeto tem objetivo instituir um espaço de trabalho com crianças e com seus responsáveis em comunidades com altos índices de vulnerabilidade e violência e dificuldade de acesso às políticas de seguridade social na cidade de Porto Alegre - RS. Tem como inspiração a Maison Verte, criada por Françoise Dolto em Paris, em 1979 (DOLTO, 1986). Proposta semelhante à nossa foi instituída no Rio de Janeiro e encontra-se em funcionamento desde 2001 (Milman & Bezzerra Jr., 2008) - chama-se Casa da Árvore - e já é desenvolvido em oito comunidades com altos índices de vulnerabilidade e violência. A presente proposta se situa na interface entre psicanálise, direitos humanos, saúde coletiva, educação e assistência social: uma "psicanálise na cidade", como falava Dolto (Milman & Bezerra Jr, 2008). É importante salientar que uma das marcas essenciais desta proposta é que se trata de um experimento, e não da aplicação de um modelo. Ela parte da sustentação de uma ética do desejo, balizada pela psicanálise, e lança mão dos conceitos de fala, linguagem, reconhecimento, ambiente, agressividade e ação como operadores de uma práxis que visa intervir sobre a produção de subjetividade, evidenciando e fortalecendo estratégias de enfrentamento à violência. Tem-se como primeira estratégia, a construção de um ambiente provisional, acolhedor, no qual possa haver sempre uma escuta disponível para permitir, com cuidado, que venham à tona dores, impasses, dúvidas, ódios que em ambientes socialmente regulados como a casa e a escola, dificilmente teriam como se expressar. Trata-se de uma estratégia movida pela ideia de cuidado, de continência, que torne possível o enfrentamento de conflitos e questões difíceis de serem trazidas à fala nas circunstâncias da vida cotidiana. A segunda estratégia é movida pela ideia de interpelação, ou de responsabilização. Nesta perspectiva, o que está no centro das atenções é a necessidade de reforçar o posicionamento de mães e crianças como sujeitos de sua existência, com as consequências que este posicionamento acarreta. Trata-se de resistir quer às estereotipias do comportamento asseguradas por identidades cristalizadas, quer às sedutoras tentações da vitimização e de assujeitamento voluntário, acentuado pela situação de vulnerabilidade. Propõe-se que, neste espaço, crianças e adultos, diante de outros semelhantes, vivenciem questões referentes à vida em grupo, às regras que esta convivência necessita, aos limites individuais e coletivos, a modos diversos de operar questões comuns. Trata-se de um

lugar no qual se favorece a autonomia, de modo que se amplie a capacidade de criar alternativas pessoais para essas diversas situações da vida. A circulação da palavra é peça fundamental para fomentar a socialização. Dispositivos como a Casa dos Cata-Ventos não surgem para substituir os ambulatórios e outros serviços de psicologia, mas para somar-se a eles na rede de assistência, possibilitando uma intervenção antes que os sintomas se consolidem e possam causar maior sofrimento.

FUNCIONAMENTO: O funcionamento deste espaço é de três vezes na semana, em turnos diferentes, oferecido às crianças de 0 a 12 anos de idade, e seus cuidadores. Nos dias de plantão, acolhe-se aqueles que quiserem participar. Não há obrigatoriedade de frequência, isto é, a criança participa nos dias em que pode e quer e permanece no ambiente da casa pelo tempo que quiser. Procura-se sustentar e garantir um espaço de fala e de brincadeiras. O modelo de trabalho sem horário definido e sem inscrição ou garantia de frequência gera um tipo particular de vínculo. A não obrigatoriedade do retorno por parte dos frequentadores faz com que a solidez do laço parta da equipe, garantida pela sua permanência. Nesta perspectiva se firma o compromisso da escuta, acolhimento e cuidado com quem lá está, no momento em que está lá. A possibilidade de acompanhar o desenvolvimento das crianças, intervindo na história do sujeito em tempo real, ou seja, no momento em que ele se vê em conflito, o ajuda a estruturar-se de modo menos sofrido. Cada turno o serviço conta com pelo menos três psicólogos que atuam como plantonistas acolhendo as crianças e seus acompanhantes na chegada. A equipe varia todos os dias da semana, podendo cada plantonista fazer um plantão semanal. Após esse acolhimento inicial, um membro da equipe escreve em um quadro-negro os nomes de quem acabou de chegar - os nomes dos psicólogos já estão registrados. Ao escrever o nome de cada criança e de seus acompanhantes, afirmamos a importância da presença de cada um, incluindo simbolicamente a todos em um campo de equidade e reconhecimento. Vale dizer que equidade aqui no sentido de que todos são respeitados enquanto sujeitos. O projeto visa o acolhimento da vida comum, das questões e dores ordinárias do ser humano no momento em que cria seus filhos ou em que estes são criados por seus pais. Mas também se garante o acolhimento e o trabalho clínico voltado para quem traz uma queixa acerca de um sintoma. Em ambos os casos as intervenções da equipe ocorrerão no decorrer da convivência travada no espaço coletivo, onde não há obrigatoriedade de frequência.

OBJETIVOS: Objetivo geral: A partir de uma preocupação com a formação de psicólogos orientada para o campo da assistência social, o projeto propõe sustentar um espaço de fala, de escuta, do brincar e contar histórias que possibilite a resistência aos processos hegemônicos de subjetivação, em especial à violência. Objetivos específicos: Fortalecer na criança e em seus acompanhantes a

ética do reconhecimento como sujeitos desejantes e como cidadãos; Trabalhar o fortalecimento de vínculos e de boas práticas na atenção à infância; Articular e fortalecer a rede de cuidados à infância; Capacitar profissionais para o trabalho com populações vulneráveis; Possibilitar o contato das crianças e seus responsáveis com o brincar, a arte, música, histórias, fortalecendo seu potencial criativo; Prevenir a violência e o uso de drogas, potencializando a criança e seus cuidadores, na via do reconhecimento simbólico, de sua identidade e de sua história.